

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CAMILA CANÁRIO CERELLA INOCÊNCIO

**O DESENHO INFANTIL:
UM FACILITADOR NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA**

**SÃO PAULO
2019**

CAMILA CANÁRIO CERELLA INOCÊNCIO

**O DESENHO INFANTIL:
UM FACILITADOR NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Anita Viviani Martins.

**SÃO PAULO
2019**

INOCÊNCIO, Camila Canário Cerella.

O desenho infantil: um facilitador na aquisição da linguagem escrita – 2019.

Orientadora: Maria Anita Viviani Martins.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Educação, 2019.

Camila Canário Cerella Inocência

**O DESENHO INFANTIL:
UM FACILITADOR NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA**

Maria Anita Viviani Martins

Orientadora

Mônica Fátima Valenzi Mendes

Professora
Convidada

São Paulo
2019

Antes de uma criança começar a falar, ela canta.

Antes de escrever, ela desenha.

No momento que consegue ficar de pé, ela dança.

Arte é fundamental para a expressão humana.

Philicia Rashad

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, Regiane e Luis Carlos. Agradeço por todo o apoio, amor, carinho e incentivo, não somente neste momento de conclusão do curso e de trabalho final, mas durante toda a minha vida. Sem vocês nada disso seria possível e nem teria tanto significado, obrigada por sempre acreditarem em mim e por falarem com tanto orgulho para todos que conhecem que a filha será professora. Eu amo vocês de uma maneira inexplicável.

Agradeço especialmente à minha irmã, Carolina. Obrigada por ser minha melhor amiga, por sempre estar presente, me incentivando e dando amor, sem a sua ajuda nada teria sido possível e sou muito grata por ter uma irmã tão especial, amo você.

Agradeço à todos os meus familiares, que me incentivaram e foram presentes nesta etapa da minha vida. Meus avós, tios e tias, madrinha e padrinho, e também meus primos Laura e Bruno.

Agradeço à todos os meus amigos, as minhas queridas amigas puquianas por todo o apoio dentro da sala de aula e meus amigos da vida por sempre estarem presentes e me apoiarem. Agradeço principalmente à minha querida Tata, que me acompanha desde o ensino fundamental e vem sendo uma amiga incrível durante todos esses anos.

Agradeço ao meu namorado, Thiago, por ser um companheiro tão querido durante tanto tempo, e por ter me apoiado em todas as minhas decisões. Agradeço por me ajudar, e por entender quando tudo começava a ficar difícil. Você é muito especial e eu te amo muito.

Agradeço à Lindinha e a Mariela, por terem sido companheiras de quatro patas tão presentes e especiais, a perda de vocês é algo irreparável. E por fim, agradeço à todos os professores que fizeram parte da minha formação na PUC-SP, e especificamente a minha orientadora Maria Anita, que tornou todo este processo mais simples e leve e fez com que a minha paixão por alfabetização fosse possível.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar de que modo o desenho infantil auxilia no processo da aquisição da linguagem escrita, utilizando como foco o desenvolvimento cognitivo. A problemática foi observada a partir de atividades realizadas em sala de aula durante o estágio obrigatório, quando uma das alunas usou um desenho como forma de representação da linguagem escrita, a partir deste momento verificou-se a necessidade de pesquisar as etapas de desenvolvimento da aprendizagem infantil, do desenho até a escrita. Caminhou-se em estudos a partir de referenciais teóricos e observação em ambiente escolar. Devido ao caráter processual da aprendizagem, verificou-se a importância do desenho para a aprendizagem da linguagem escrita em aspectos cognitivos. Reconheceu-se ainda a importância do papel do professor de educação infantil no processo de alfabetização de alunos.

Palavras-chave: desenho infantil, linguagem escrita, desenvolvimento cognitivo, aprendizagem.

Abstract

This work analyze how children's design assists in the process of acquiring written language, using as a focus the cognitive development. The problem was observed from activities performed in the classroom during the internship, when one of the students used a drawing as a form of representation of written language, from this moment it was verified the need to research the steps of Development of child learning, from drawing to writing. The study was based on theoretical referential and observation in a school environment. Because of the procedural character of learning, it was verified the importance of drawing for language learning written in cognitive aspects. It was also recognized the importance of the performance of the teacher of early childhood education in the literacy process of students.

Keywords: child design, written language, cognitive development, learning.

Lista de Imagens

Figura 1 - Material de estudo oferecido pela Prof. Maria Anita Viviani Martins.....	18
Figura 2 - Imagem retirada do livro “O desenho infantil” (página 30)	20
Figura 3 - Imagem retirada do livro “O desenho infantil (página 43)	20
Figura 4 - Imagem retirada do livro “O desenho infantil (página 20)	21
Figura 5 - Imagem retirada do livro “O desenho infantil (página 64)	21
Figura 6 - Imagem retirada do livro “O desenho infantil (página 26)	22
Figura 7 - Imagem retirada do livro “O desenho infantil (página 27)	22
Figura 8 - Imagem retirada do livro “O desenho infantil (página 28)	22

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1: o desenvolvimento cognitivo na infância	13
1.1 Os níveis de desenvolvimento de Piaget	14
1.2 A formação do símbolo na criança	15
Capítulo 2: O desenho infantil: aspectos e definições	19
2.1 As etapas do desenho infantil de Luquet	19
2.2 As etapas do desenho infantil de Bernson	21
Capítulo 3: O desenvolvimento da linguagem escrita	25
Considerações finais	29
Referências Bibliográficas	32

Introdução

A temática apresentada diz respeito a evolução do grafismo e retrata uma situação que observei em meu estágio obrigatório. O desenho sempre foi um objeto de interesse para mim, e, ao ficar com crianças de três a quatro anos em uma sala de Pré I, notei que o desenho se modifica muito ao longo do ano letivo. Existe uma heterogenidade muito grande em sala de aula, uma vez que alguns alunos iniciam o ano apenas com as garatujas enquanto outros já estão em outro ponto do processo, no qual fazem desenhos mais elaborados, buscando representar a realidade (desenho representando a sala de aula, por exemplo) ou até mesmo a linguagem escrita.

Houve uma situação específica em sala que possibilitou observação de maneira clara o processo do desenho como atividade precursora da entrada à representação gráfica com o uso do sistema de sinais alfabéticos para representar ideias.

A aluna M. V. de quatro anos de idade começou a rabiscar em uma folha de papel, quando questionada sobre o que estava desenhando, respondeu que estava escrevendo um convite para uma festa do chá da tarde. Neste momento entende-se que ela percebeu dois aspectos importantes referentes a linguagem escrita: primeiro constatou que existem maneiras de representar a linguagem oral de maneira simbólica e em segundo entendeu que existe uma função social para escrita.

Esse momento provocou um questionamento: este processo de desenhar livremente pode vir a contribuir com a escrita? De quais formas?

Para entender se esta contribuição é possível, é necessário primeiramente definir o que é conhecimento e como ele se constitui, o que é um desenho, e como ele se desenvolve, até chegar o momento da pré escrita, levando em consideração de que se trata de um processo cognitivo e inteligente. Sabe-se que o desenho caminha junto com a aquisição da linguagem oral, pois ambos são formas de representação simbólica uma vez que o mesmo se torna mais elaborado à medida que ela desenvolve aspectos linguísticos, como a fala.

A representação simbólica gráfica vai se modificando com o passar dos anos, crianças muito pequenas iniciam esse processo com as garatujas, rabiscando livremente na folha em movimento de descoberta e experimentação, na qual ela testa todas as possibilidades de formas que conhece e que virá a conhecer, uma vez que as garatujas e rabiscos são características da aprendizagem do registro gráfico como

representação de imagens mentais.

Com o passar do tempo a criança ao desenvolver-se percebe que os adultos possuem outras formas de comunicação além da linguagem oral, e encontram na escrita uma espécie de “código secreto” que apenas os adultos entendem, portanto em uma tentativa de fazer parte deste mundo começa a rabiscar a escrita dos adultos, e diz que está escrevendo, pois neste momento já percebeu a existência da língua escrita.

Existem alguns aspectos que auxiliam na passagem do desenho para a língua escrita, por exemplo, a motricidade, a praxia fina e a linguagem oral. O processo cognitivo permeia todos esses aspectos facilitadores, consideramos a aquisição da linguagem tanto oral quanto escrita atividades inteligentes realizadas pela criança. Sendo atividades inteligentes, é preciso entender de que forma o conhecimento se constitui na criança a partir do momento em que ela nasce e quais são as possibilidades de desenvolvimento que essa atividade inteligente permite.

Uma vez definida sob qual ótica será considerado o desenvolvimento cognitivo, é preciso observar quais são as etapas de desenvolvimento de um desenho infantil, pois uma criança de dois anos não desenha da mesma maneira que uma criança de seis anos, e, portanto ela tem intencionalidades e habilidades diferentes, não apenas no aspecto de desenvolvimento de praxia fina. Ao entender as etapas do desenho infantil, será necessário inferir nas possibilidades do início da alfabetização, tanto da perspectiva cognitiva quanto da perspectiva motora.

Capítulo 1: O desenvolvimento cognitivo na infância

Sendo inerente a necessidade de entender como se constitui o conhecimento no ser humano, é necessária a busca por reflexões que discutam a epistemologia do conhecimento, de que maneira ocorre em cada faixa etária e quais são as decorrências disso para a criança, portanto, em um primeiro momento recorreremos a Piaget.

Em seu livro “Seis Estudos de Psicologia” (2010, 24° ed.), explicita que o desenvolvimento mental que se inicia ao nascer e continua até a idade adulta é compatível ao crescimento biológico, orientando o sujeito para o sentido do equilíbrio.

Quando adulto, o sujeito já possui o equilíbrio devido também a conclusão do crescimento e maturidade dos órgãos, dessa mesma maneira, o desenvolvimento da mente chega a um maior nível de equilíbrio já na fase adulta, em comparação com as idades anteriores uma vez que esse desenvolvimento evolui durante a infância e adolescência.

Contudo o plano cognitivo continua se desenvolvendo até a morte do indivíduo em virtude da contínua construção, na qual a busca pelo equilíbrio leva-o a modificar-se, estabelecendo uma perturbação nas aprendizagens anteriores para só assim passar para o próximo nível de desenvolvimento, portanto, considera-se que o ser humano permanece em constante processo de aquisição de novas aprendizagens.

Qualquer ação realizada pelo indivíduo seja ela interna ou externa, é em decorrência de necessidades que ele apresenta, do mesmo modo, o fim da ação acontece ao encontrarmos um novo estado de equilíbrio, onde a necessidade está satisfeita.

É importante evocar a ideia de que este é um processo constante e novas necessidades estão sempre surgindo, levando a outras ações, que só serão finalizadas quando o novo estado de equilíbrio for encontrado, possibilitando assim sempre novas aprendizagens.

“Nesse ponto de vista, toda atividade **mental e orgânica** tende a assimilar progressivamente o meio ambiente, realizando esta incorporação graças às estruturas ou órgãos psíquicos, cujo raio de ação se torna cada vez mais amplo”
(Piaget, 2010, p.17).

1.1 Os níveis de desenvolvimento de Piaget

Piaget divide em quatro níveis o desenvolvimento mental da criança, o primeiro abrange o recém-nascido e o lactente, o segundo nível irá tratar da primeira infância de dois a sete anos, o terceiro nível diz respeito à infância de sete a doze anos, e por fim, no último nível descreve o desenvolvimento mental nos adolescentes.

Por uma questão de ordenação, trataremos do primeiro nível de desenvolvimento que abrange o recém-nascido e lactente, pois é o desenvolvimento mental neste estágio que permite o progresso nos anos seguintes.

“O período que vai do nascimento até a aquisição da linguagem é marcado por extraordinário desenvolvimento mental. [...] É decisivo para todo o curso da evolução psíquica: representa a conquista, através da percepção e dos movimentos, de todo o universo prático que cerca a criança.”
(Piaget, 2010, p. 17)

No nível de desenvolvimento que diz respeito ao recém-nascido e o lactente, já é possível observar atos inteligentes. Este nível é dividido em três estágios, sendo eles: estágio dos reflexos, estágio da organização das percepções e hábitos e estágio da inteligência senso-motora.

Os reflexos dizem respeito a condições instintivas, por exemplo, o bebê precisa mamar para se nutrir, mas, mesmo os reflexos são desenvolvidos, pois a habilidade de sucção melhora gradativamente com o exercício dessa atividade. Os diversos exercícios reflexos possibilitam o prenúncio da assimilação mental, e se tornam cada vez mais complexos graças à organização das percepções e hábitos, onde surgem novas habilidades como sorrir, pegar objetos e seguir com a cabeça ruídos que escuta, é possível dizer que há uma espécie de conhecimento sendo construído.

O terceiro estágio deste nível diz respeito a inteligência senso-motora. Segundo Piaget, a inteligência aparece bem antes da linguagem, é uma inteligência prática no tocante da manipulação de objetos que utiliza ao invés de palavras, os movimentos.

Em busca da compreensão do processo cognitivo que leva uma criança da ação de desenhar até a escrita, é necessário direcionar um olhar mais cuidadoso no segundo nível de desenvolvimento, que abrange a idade de dois a sete anos, período em que a criança começa a falar, desenhar e posteriormente é incluída em um

processo de alfabetização.

Este período é marcado pelo surgimento da linguagem, é através da língua que se dá o início da socialização, a interiorização da palavra (o pensamento) e intuição (a criança consegue planejar ações futuras). Vale lembrar que a criança não abandona de todo as ações de quando era bebê, portanto demonstra em muitos níveis um egocentrismo inconsciente.

O segundo nível de desenvolvimento divide-se em alguns momentos. o primeiro é a socialização da ação, onde a troca e comunicação entre os indivíduos se torna possível através da linguagem, seguindo o processo de imitação de movimentos, a imitação de sons acontece da mesma maneira, pois eles são associados a determinadas ações e a criança em uma atividade inteligente significa os sons para si, os internaliza e posteriormente os utiliza em seu meio social através de uma espécie de cópia dos sons que já reconhece sabendo qual é sua utilidade.

Por exemplo, quando diz “mamãe”, repete o som com o significado direcionando-o e identificando-o, utilizando habilidades como reconhecimento auditivo, memória do termo e sua aplicação, identificando sua mensagem e possibilitando a comunicação, a linguagem faz parte do sistema simbólico de representação.

O próximo momento diz respeito à gênese do pensamento, o ponto de partida é que através da linguagem a criança se torna capaz de contar suas ações, pode reconstituir o passado e antecipar ações futuras, neste aspecto surge também o jogo simbólico que diz respeito às brincadeiras de faz de conta como uma tentativa de completar a realidade através da ficção dominando assim o pensamento verbal, determinando como o pensamento e a inteligência se manifestam.

O momento seguinte diz respeito à intuição, no desenvolvimento do mecanismo intuitivo o sujeito afirma, mas nunca demonstra, isto se deve pela falta de “provas” que o seu pequeno vocabulário pode demonstrar. Neste aspecto existem dois casos a serem observados: o da “inteligência prática” prolongamento, por um lado, da inteligência sensório-motora e por outro as noções técnicas que irão se desenvolver até a idade adulta, isso se deve ao fato de que a criança tem muito mais facilidade de desenvolver as ações do que as palavras.

O último momento diz respeito à esfera afetiva, segundo Piaget, “desde o período pré-verbal, existe um estreito paralelismo entre o desenvolvimento da afetividade e o das funções intelectuais, já que esses dois são aspectos indissociáveis

de cada ação” (2010, p.36).

Tanto o recém-nascido quanto a criança possuem estágios de desenvolvimento específicos e este processo de aquisição de conhecimento é fundamental para entender como a criança pensa, e posteriormente inferir em como esse processo inteligente de desenvolvimento possibilita a aquisição da linguagem.

1.2 A formação do símbolo na criança

Levando em consideração cada nível de desenvolvimento apresentado por Piaget, é preciso inferir de que maneira ocorre a formação do símbolo na criança, uma vez que “a origem do pensamento deve ser procurada na função simbólica. [...] a função simbólica se explica pela formação das representações” (Piaget, 2010, p.79), a formação simbólica tem por objetivo diferenciar os significantes (signos e símbolos) dos significados (objetos ou acontecimentos), sendo a linguagem uma das formas da função simbólica conclui-se que a inteligência sensório motora, em seu processo de entender, precede a linguagem que junto do pensamento serve para auxiliar na equilíbrio através da esquematização mais desenvolvida.

A cognição sob a ótica de Piaget é um processo de desenvolvimento inteligente que ocorre de maneira gradativa desde o momento do nascimento até o fim da vida do sujeito, o processo de aprendizagem (equilíbrio -> perturbação -> desequilíbrio -> equilíbrio) é constante. Portanto, a criança pensa e o fato de pensar possibilita através de jogos simbólicos atribuir significados, já então se valendo da linguagem oral.

A criança no processo de aquisição da linguagem verbal utiliza alguns recursos, dentre eles, a aquisição da linguagem oral através de um processo inteligente de reconhecimento e uso dos sons que escuta. E, o mesmo vale para a aquisição da linguagem escrita, quando ela possui a capacidade de reproduzir o sistema alfabético. Contudo, não é válido afirmar que esta é uma atividade puramente imitativa, uma vez que é possível identificar em Piaget que o desenvolvimento mental da criança é um processo de atividades inteligentes.

A partir do entendimento dos processos inteligentes que levam a criança a constituir desde muito cedo seu conhecimento, é possível considerar alguns aspectos referentes a construção dessa inteligência pulsante.

Piaget considera que a construção do conhecimento é interativa, ou seja, ela ocorre entre o biológico (criança) e o social (meio em que ela está inserida), por

discutir a gênese do conhecimento, considera que o meio também ensina.

Em seu estudo, classifica em idades os estágios de desenvolvimento, contudo é necessário atribuir que a idade é apenas um dos medidores, uma vez que a aquisição de conhecimento é processual e não passa sem transição as etapas de desenvolvimento, a idade não se tornam um limitador para as aprendizagens.

Além da construção de conhecimento ser interativa e do respeito aos estágios processuais de desenvolvimento, deve-se compreender que apesar de parecer “imitar”, a criança não o faz, uma vez que seu processo inteligente de aquisição de conhecimentos não permite que o desenvolvimento da fala, os movimentos que realiza sejam imitações puras e simples, e sim atitudes pensadas, compreendidas, significadas por ela, e só então expressadas por ela no meio social em que convive.

Considerando que o conhecimento se desenvolve de maneira processual, antes que a criança passe pelo processo de alfabetização, é necessário perceber que existem outras aprendizagens já instaladas que são importantes para esse processo, tais como: tomar conhecimento da existência do papel, como um lápis é utilizado, capacidade de reproduzir graficamente objetos do meio, identificação de linhas verticais, horizontais, e inclinadas, . Além de aprender que o mundo pode ser representado através da linguagem gráfica, o processo anterior para representar graficamente, antes de utilizar o sistema alfabético, servindo-se do sistema das imagens mentais.

De acordo com Piaget, em seu livro *a Formação do Símbolo na Criança*, “se pensar consiste em interligar significações, a imagem será um ‘significante’ e o conceito, um ‘significado’.” (1978, p. 87). Existem cinco tipos de condutas de representação, que denominou de desenvolvimento da função simbólica, Piaget as enumerou de acordo com a ordem de complexidade, uma vez que elas aparecem quase ao mesmo tempo.

A primeira chama-se **imitação diferida**, é o aparecimento de um significante diferenciado, pois a criança é capaz de “imitar” o comportamento de alguém que não está perto dela. Depois, há o **jogo simbólico**, no qual a criança brinca de faz-de-conta, por exemplo, imita os cuidados da mãe enquanto brinca com sua boneca.

Em terceiro lugar, surge o desenho ou imagem gráfica, que é uma ponte entre o **jogo simbólico e a imagem mental**, até os oito/nove anos as crianças desenhavam o que sabem e não o que veem. Em quarto, estão as **imagens mentais**, são representação internalizadas que não lidam com conceitos, mas sim com os objetos.

E por fim, surge a **evocação verbal**, onde através da linguagem a criança relata acontecimentos. As cinco funções semióticas de Piaget têm em comum a representação como uma condição para o surgimento do pensamento. Desse modo, o desenho e a escrita, enquanto linguagens, só podem aparecer depois do surgimento da função simbólica.

Existem ainda três níveis de desenvolvimento de abstração, o primeiro chama-se índice ou sinal, ou seja, busca representar o todo. O próximo nível é o símbolo, que é a primeira forma efetiva de representação, eles são construídos de maneira social. E por fim, os signos, que são abstrações convencionadas, através do sistema alfabético, seja pela linguagem oral ou pelo desenho, sua representação substitui a coisa representada.



Figura 1: Material de estudo oferecido pela Prof. Dra. Maria Anita Viviani Martins

O ponto de partida, para Piaget, fica em **A**, ou seja, o pensamento, seguindo daí em contato com o meio social, a criança atribui significação até chegar ao ponto **B** que é o contato com o símbolo/signo/palavra a partir dessa relação, consegue substituir a palavra cadeira pela imagem que ela oferece e vice-versa, que é o ponto **C**. O caminho entre os pontos B e C estão sempre em constante modificação, por esta razão é representado por uma linha pontilhada.

Portanto, após a compreensão dos processos cognitivos pelos quais a criança passa em seu desenvolvimento, do entendimento de como o símbolo é formado na criança, é necessário definir os conceitos que irão orientar o trabalho no sentido de sistematizar de **quais formas** o desenho infantil auxilia o aprendizado da linguagem escrita.

Capítulo 2: O desenho infantil: aspectos e definições

O desenho é um modo de expressão próprio da criança, a partir do momento em que ela começa a desenhar, o desenho começa a desenvolver-se e são nomeados por etapas.

Existem diferentes autores que atribuem diferentes nomes para essas etapas de desenvolvimento, vale lembrar que o desenho também sofre modificações mais aparentes devido a influência da escolarização e da interferência do adulto que visa atribuir valores, ou seja, trazer sentidos próprios da vida adulta para o que é desenhado. De acordo com Mèredieu:

“Esse empobrecimento da expressão efetua-se mais frequentemente na escola, agente de transmissão de uma cultura redutora e classificatória. A criança aprende então a utilizar elementos de um código gráfico praticamente universal, que lhe permite compreender e entrar em contato com o adulto.”
Mèredieu (2006, p.18)

O processo de escolarização modifica a função do desenho, se anteriormente era expressiva, neste momento possui função comunicativa. Portanto, de que maneira o desenho evolui e desenvolve-se? Sabe-se que a elaboração do sistema gráfico tem relação direta com o desenvolvimento psicomotor, que leva em consideração a constante modificação de aprendizagens da criança.

Para que seja possível estabelecer um melhor entendimento sobre o desenvolvimento do desenho infantil, é preciso recorrer a autores que denominem essas etapas de acordo com nomenclaturas que representem cada estágio do desenvolvimento. Uma vez que seja preciso determinar o caráter processual. Mèredieu nos apresenta dois autores, sendo eles, Luquet e Bernson.

2.1 As etapas do desenho infantil de Luquet

A evolução do grafismo se faz por etapas, portanto, por ter caráter processual é possível que haja regressões para estágios anteriores, contudo, é sempre válido lembrar que tentar interpretar um desenho de maneira isolada do contexto em que foi elaborado, é uma tentativa nula. Para explicar as grandes fases da evolução,

Mèredieu utiliza como aporte teórico o autor Luquet, em seu livro “O desenho infantil” de 2006.

Luquet distingue quatro estágios na evolução do grafismo infantil, que diz respeito ao desenvolvimento desde os dois anos de idade até doze anos.

O primeiro estágio é chamado de **realismo fortuito**, acontece por volta dos dois anos de idade e finaliza o período chamado **de grafismo**, nesta fase a criança começa a traçar signos com desejo de representar, por esta razão, ela dá um nome a seu desenho.



Figura 2: Imagem retirada do livro “O desenho infantil”, página 30

O segundo estágio é chamado de realismo fracassado, ocorre na idade entre três e quatro anos. Neste estágio a criança já busca reproduzir as formas que já identifica, tenta representar figuras humanas e moradias, portanto, permanece em constante aprendizagem de fracassos e sucessos parciais. Uma vez que tenta reproduzir o que conhece e ainda não possui as habilidades motoras necessárias para representar de acordo com a realidade com que deseja.

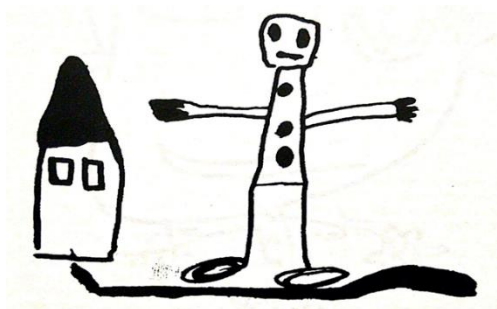


Figura 3: Imagem retirada do livro “O desenho infantil”, página 43

O terceiro estágio é denominado **realismo intelectual**, é o principal estágio que integra as idades de quatro anos até dez/doze anos. Este período é caracterizado pelo fato de a criança representar aquilo que sabe sobre um determinado objeto, e não o que vê. Portanto, utiliza dois recursos, o plano deitado e a transparência (a casa é

representada do lado de fora e de dentro), isso corre porque a criança mistura diversos pontos de vista.

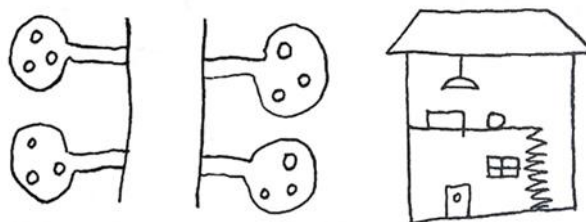


Figura 4: Imagem retirada do livro “O desenho infantil, página 20

Ainda de acordo com Luquet, o quarto e último estágio é chamado de **realismo visual**, acontece por vezes a partir dos nove anos, e sua característica é um enxugamento do grafismo, onde ocorre o fim do desenho infantil uma vez que tende a juntar-se as produções adultas.

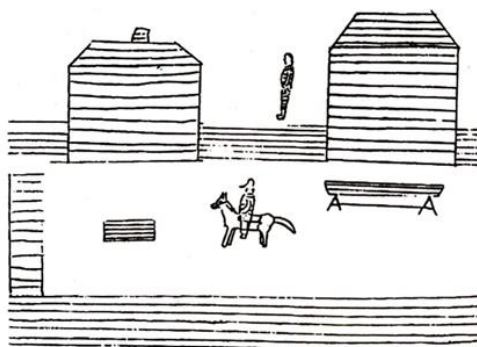


Figura 5: Imagem retirada do livro “O desenho infantil, página 64

2.2 As etapas do desenho infantil de Bernson

Mèredieu, ainda em seu livro “O desenho infantil” de 2006, utiliza também a terminologia de Bernson enquanto aporte teórico. Bernson explicita três estágios de desenvolvimento do grafismo, abarcam o período de idade entre dois e quatro anos de idade, levando em consideração a questão norteadora da aluna de quatro anos representar a linguagem escrita, será dado um maior enfoque para os processos de desenvolvimento das etapas que ocorrem nesta idade. O rabisco é efetuado inicialmente pelo simples prazer do gesto, pois é antes de tudo motor, e apenas posteriormente quando nota que seu gesto produz um traço é que o fará pelo prazer do efeito produzido.

O primeiro estágio descrito por Bernson, é chamado de **estágio vegetativo motor** caracterizado pelo aparecimento de um traçado próprio da criança, o lápis não sai da folha e tudo que é inscrito é puramente pelo prazer do gesto.

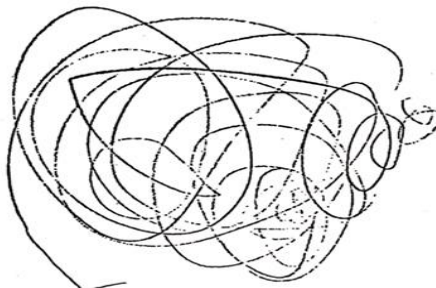


Figura 6: Imagem retirada do livro "O desenho infantil, página 26

O segundo estágio é chamado **estágio representativo**, ocorre entre dois e três anos, é caracterizado pelo surgimento de formas isoladas, tais como círculos, que se tornam possíveis a medida que o lápis é retirado e recolocado na folha, o traço torna-se descontínuo e o ritmo de desenho mais lento, é nesta fase em que a criança busca reproduzir um objeto e dar um nome para seu desenho.



Figura 7: Imagem retirada do livro "O desenho infantil, página 27.

O último estágio descrito chama-se **estágio comunicativo**, ocorre entre três e quatro anos de idade, é caracterizada pelo desejo da imitação do adulto e de comunicar-se com os outros. "A criança elabora uma escrita fictícia, traçada em forma de dentes de serra, que procura reproduzir as letras dos adultos" (Mèredieu, 2006, p. 27).



Figura 8: Imagem retirada do livro "O desenho infantil, página 28

É possível, de acordo com outros autores, fragmentar o estudo da evolução do grafismo em outras categorias, ao estudar o material de Gabriela Ferracini (2017) foram elencadas as seguintes categorias: garatuja, rabiscos de base, rabiscos circulares, figura girino, desenhos de animais, desenhos e letras até o momento em que desenho e escrita se complementam.

A primeira etapa, que é a garatuja, é formada principalmente pelo gesto e pelo traçado, o foco é o ato de desenhar, não há tentativas nesta fase de criar significações apesar de o desenho criado possuir uma intenção.

A próxima etapa refere-se aos rabiscos de base também conhecido como rabisco primitivo, aos dois anos de idade os desenhos são feitos por movimentos circulares e de vai e vem, assim como na garatuja ainda não há controle visual.

A etapa seguinte diz respeito aos rabiscos circulares, aos três anos de idade o desenho infantil torna-se mais maduro, há possibilidade de a criança explicar o significado de sua produção, que está sempre atrelado ao seu momento de vida, devido ao desenvolvimento da motricidade, os desenhos são marcados por círculos e linhas na vertical.

Uma vez existente o prazer do gesto, a repetição produz resultados diversificados, mas ainda não há preocupação com a figuração propriamente dita. Aos quatro anos, além dos traços verticais há a tentativa de desenhar círculos fechados, com o desenvolvimento da motricidade fina e evolução cognitiva, os rabiscos e linhas da fase anterior tornam-se figuras relacionadas a signos formais. A figura girino, ainda aos quatro anos, é representada pela tentativa de desenhar a figura humana, surgem também outras formas geométricas nos desenhos. A figura girino é caracterizada pelos membros como braços e pernas serem ligados à cabeça e representa um processo de evolução gráfica, onde a criança já é capaz de reproduzir imagens.

Com o passar do tempo, a criança começa introduzir em seu boneco girino os detalhes do corpo humano e o representam por gêneros. Conforme o desenho vai se desenvolvendo, a criança passa a representar a si mesma em algumas situações de seu cotidiano, tanto dentro quanto fora da escola, relacionam a si mesmas com o mundo externo.

A próxima etapa ocorre aos cinco anos, nesta fase a criança começa a desenhar animais, indicados pelas orelhas e focinhos, contudo ainda estão verticalizados, não há possibilidade ainda de diferenciar da estrutura humana, sendo

possível apenas quando passam para a etapa da horizontalização.

Ainda os cinco anos de idade, as letras começam de fato a participar do desenho, nessa fase chamada desenho e letras, a criança ainda não consegue realizar a diferenciação e, portanto, um elemento complementa o outro. Esse período é considerado o primeiro nível de desenvolvimento da escrita. Nesta fase a figura humana também passa por um salto de desenvolvimento e passa ter mais elementos.

Aos seis anos, o desenho e a escrita de fato se complementam, nesta fase a criança já sabe diferenciar as representações gráficas da linguagem escrita, e a utiliza ambos para completar o desenho. Nesta fase também observa-se a escrita espontânea.

Existem muitas maneiras de diferenciar as fases do grafismo na infância, elas variam de acordo com o autor estudado, e apesar das diferenças sutis é possível perceber uma linearidade neste processo.

Considerando este cenário, no início o desenho é uma exploração, os rabiscos e garatujas possuem uma finalidade específica, primordialmente voltada para a exploração do movimento, ainda não há um processo de significação, que irá surgir com o passar do tempo.

A criança desenvolve-se cognitivamente e isso aparece em seus desenhos, quando começa a reconhecer-se como sujeito e, portanto, surgem as figuras girinos, conforme vai entendendo a si mesma e o mundo que a rodeia, o desenho da figura humana vai ganhando cada vez mais elementos.

Com o aumento de elementos, chega o momento em que a escrita e o desenho começam a aparecer na mesma folha, neste período primeiro a criança não consegue diferenciar a linguagem escrita do desenho e posteriormente usa a linguagem para completar o seu desenho.

Capítulo 3: A aquisição da linguagem escrita

Pretendendo buscar a razão pela qual o desenho é um importante passo para a aquisição da linguagem escrita, é necessário entender de que maneira ocorre a aquisição da linguagem escrita no contexto escolar. Para isso, recorreremos à autora Emília Ferreiro, em seu livro “Reflexões sobre a alfabetização”.

Devido ao costume, é muito difícil dissociar a aprendizagem da leitura e escrita do contexto escolar, frequentemente negamos que a aprendizagem da leitura e da escrita se inicia muito antes da escolarização.

Por vezes, até mesmo educadores têm dificuldade de aceitar isso, pois há uma preocupação que a leitura e a escrita sejam aprendidas fora de um controle sistemático proporcionado pela escola.

A ideia subjacente a esta é de que a escola é uma instituição social que deve ser a única responsável por controlar a aprendizagem, felizmente, grande parte das crianças vem ignorando essa regra, ou seja, nunca esperaram até que houvesse uma professora a sua frente para que começassem a aprender.

Desde que nascem, são construtoras de seu próprio conhecimento, se esforçam para compreender o mundo que as rodeia, levantam hipóteses e buscam respostas. “Estão construindo objetos complexos de conhecimento e o sistema de escrita é um deles” (Ferreiro, 2011, p. 64).

Deve-se estabelecer duas distinções, a primeira é um problema epistemológico fundamental enquanto a segunda diz respeito à relação entre processos epistemológicos e os métodos/procedimentos de ensino.

A primeira distinção é entre a construção de um objeto de conhecimento e a maneira pela qual os fragmentos de uma informação são incorporados ou não como conhecimento pelo sujeito. São processos diferentes, por exemplo, em um ambiente urbano, as crianças estão mais expostas a material escrito, e por isso obtêm informações acerca de alguns tipos de relações entre ações e objetos (enviar uma carta pressupõe escrever em uma folha de papel).

Para construir um conhecimento, o sujeito não pode simplesmente acumular informações, ele necessita ser capaz de interpretar dados prévios e os novos dados, receber a informação e transformá-la em conhecimento. Por esta razão, se aceita que o desenvolvimento da lectoescrita acontece anteriormente à escola, mas como uma aprendizagem não sistematizada onde as informações não são relacionadas entre si.

Contudo, a aprendizagem realizada não pode ser observada diretamente de fora, uma vez que envolve a construção de um conhecimento novo.

A próxima distinção refere-se à relação entre a diferença entre métodos/procedimentos de ensino e o processo de aprendizagem. O propósito de manter a aprendizagem sob controle implicitamente sugere que existem passos na progressão da aprendizagem, ou seja, não é possível que a criança saiba algo por si só, ela necessita absorver os conhecimentos “de fora”.

Contudo, essa explicação só é válida quando em momento de pesquisa, as crianças só podem acertar ou errar. Quando a pesquisa é conduzida por outros pressupostos, entende-se que a resposta pode ser apenas “certa” ou “errada” quando o ponto de vista do observador é encarado como sendo o único legítimo.

Neste sentido, Piaget demonstra a necessidade de deixar o “adultrocentrismo” (apenas o ponto de vista do observador é legítimo, espécie de ego) para trás e adotar o ponto de vista do sujeito em desenvolvimento, teoricamente simples, mas com implicações muito difíceis de aplicar de maneira coerente e sistemática.

Especificamente, no desenvolvimento da lectoescrita, há muita dificuldade para adotar o ponto de vista da criança, passamos a ignorar as manifestações infantis mais completas para compreender o sistema da escrita: as produções das próprias crianças.

“Até há poucos anos as primeiras tentativas de escrever feitas pelas crianças eram consideradas meras garatujas, como se a escrita devesse começar diretamente com letras convencionais bem traçadas. Tudo o que ocorria antes era simplesmente considerado como tentativas de escrever e não como escrita real”.

(Ferreiro, 2011, p. 67)

A escrita era considerada puramente gráfica, sua relevância restringia-se apenas ao controle dos instrumentos e espaços gráficos, as garatujas não ocorriam simultaneamente a um processo cognitivo.

Mesmo com o uso da expressão *invented spelling* (popular nos EUA, significa ortografia inventada) não é fácil encontrar educadores que compreendam tudo que envolve as produções escritas infantis na tentativa de estabelecer uma correspondência entre letras e sons. Ferreiro cita o estudo longitudinal que realizou com Teberosky em 1979, afirmando que

“Sabemos agora que há uma série de passos ordenados **antes** que a criança compreenda a natureza de nosso sistema alfabético de escrita e que cada passo caracteriza-se por esquemas conceitos específicos, cujo desenvolvimento e transformação constituem nosso principal objeto de estudo”

(Ferreiro, 2011, p. 68.)

Ou seja, esses esquemas conceituais não podem ser considerados uma simples reprodução que a criança faz do meio, eles implicam em um processo construtivo onde a criança leva em consideração as informações recebidas e as informações que partem dela, o que resulta em construções muito originais.

Não podendo ser considerado apenas um processo maturacional, cada passo é resultado da interação entre o sujeito cognoscente e o objeto de conhecimento, em um processo de elaboração da informação, o sujeito transforma essa informação e transforma a si mesmo.

Um dos dados obtidos por Ferreiro em seu livro “Reflexões sobre a Alfabetização” é de que crianças ao começarem a escola que atualmente seria equivalente ao ensino fundamental I estão em níveis primários no sistema de escrita, seguem o primeiro ano com o mesmo progresso que outras crianças apresentam antes de entrar na escola, demonstrando que isso ocorre apesar de estarem expostas a situações planejadas para a compreensão do sistema alfabético de escrita.

Para justificar, exemplifica com ditados sondagens de diferentes crianças, demonstrando que é muito difícil julgar o nível conceitual de uma criança levando em consideração apenas o resultado e não o processo de construção. De qualquer maneira, para todas as crianças observadas na pesquisa, o desenvolvimento da lectoescrita é um processo construtivo.

“Seu problema é compreender a natureza do sistema da escrita que a sociedade lhes oferece. Para compreendê-lo enquanto sistema estão obrigadas a reconstruí-lo internamente, em vez de recebê-lo como um conhecimento pré-elaborado.”
(Ferreiro, 2011, p. 92.)

Estabelecido o conceito de construção de conhecimento, de acordo com o material “Metodologia da Alfabetização I” (1993), fornecido pela professora Maria Anita, é necessário compreender que a evolução do grafismo está intimamente ligada a condições individuais do sujeito.

Existem dois tipos de produção, a espontânea e a cópia, a aprendizagem da

escrita nada mais é do que a reprodução representativa de modelos já existentes, ou seja, requer desenvolvimento cognitivo e capacidade de cópia.

Na fase das garatujas, realizam desenhos sem tirar o lápis do papel, contudo, quando superam essa fase e começam a representar a figura humana, houve um salto de desenvolvimento entre o grafismo espontâneo e a cópia de modelos.

“A primeira figura que pode ser copiada é o círculo, em seguida a cruz vertical, isto em torno dos quatro anos. Somente aos cinco anos, é possível a cópia de um quadrado, de um triângulo, e é possível para algumas crianças reproduzir uma cruz em diagonal” (Martins, 1993, p. 1)

Assinala, ainda, a diferença entre maturação (ex: a criança já possui o controle motor que permite desenhar garatujas) e aprendizagem é o que torna possível a passagem de capacidade para a outra, por isso “a aprendizagem está presente tanto na atividade gráfica espontânea como na reprodução” (Martins, 1993, p. 2)

Devido ao reconhecimento visual e de acordo com as figuras geométricas que a criança desenvolve durante a fase do grafismo, torna-se mais fácil escrever algumas letras do que outras, de maneira geral, é mais simples escrever grafemas que tenham semelhanças com traços verticais, círculos e cruces, sendo eles “l”, “i” e “o”, do mesmo modo apresentam maior dificuldade em escrever outros grafemas que não tenham essa semelhança, por exemplo “a” e “g”.

Portanto, é possível afirmar que o grafismo é um “pré-requisito” para a aprendizagem da leitura e da escrita. As crianças que ficam expostas à um plano de trabalho onde há prática do grafismo tendem a ter resultados mais positivos na introdução à leitura e a escrita.

“Igualmente, não se pode esquecer o papel desempenhado pela motivação inclusive na alfabetização. Se a criança estiver interessada na utilização do código, certamente o curso da aprendizagem será facilitado, abreviado, e sua aquisição e utilização permanente.” (Martins, 1993, p. 4.)

O processo de aquisição da linguagem escrita é de fato um processo, ou seja, são necessárias etapas a serem superadas para que a escrita se viabilize, portanto, se esse processo for prazeroso e fizer sentido para a criança, ele será efetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo notória a importância do assunto, é relevante que se faça uma breve retomada do caminho percorrido, passando pelo processo de desenvolvimento cognitivo de Piaget, pelas fases dos desenhos infantis até a aprendizagem da língua escrita de maneira convencional. Para que então seja possível dimensionar as consequências pedagógicas e papel do professor de educação infantil neste processo. O primeiro ponto abordado neste trabalho foi o desenvolvimento cognitivo nas crianças, sob a ótica de Piaget, em que através da descrição de níveis de desenvolvimento demonstrou epistemologicamente um questionamento importante: “como se passa de um estado de menor conhecimento a um estado de maior conhecimento” (Ferreiro, 2001, p. 9).

O que se pretendia ao estudar Piaget, muito além de apenas definir nomenclaturas para cada estágio de desenvolvimento, era o entendimento de que forma a criança aprende. E o fator mais marcante de sua pesquisa é justamente o desenvolvimento cognitivo sendo de natureza processual. Portanto, para que uma criança aprenda, é necessário passar por todas as etapas referentes àquela aprendizagem.

Partindo do princípio de que a aprendizagem é processual, foi possível inferir a discussão entre o processo de desenhar e a aquisição da linguagem escrita. Por certo, ainda considerando a aprendizagem um fator processual, foi preciso buscar as etapas do desenho infantil.

Existem diversos autores que discorrem sobre as etapas do desenho em cada faixa etária, Mèredieu nos trouxe dois exemplos de autores, Luquet e Bernson. Apesar das diferenças entre as nomenclaturas em cada fase, existem semelhanças referentes ao tipo de desenho e a faixa etária.

O fator mais significativo para o desenvolvimento deste trabalho, é de que não é possível que uma criança faça desenhos elaborados, representando pessoas ou objetos, sem que passe antes por estágios anteriores, existe, portanto, a evolução do grafismo. Dessa forma, podemos observar de maneira prática a inferência de Piaget em suas pesquisas, o desenvolvimento das aprendizagens e aquisição de conhecimentos, tem caráter processual.

De acordo com Crotti e Magni (2011), para que se possa entender a evolução do grafismo infantil é necessário levar em consideração alguns elementos,

tais “como a motricidade, a percepção, a lateralidade, o espaço, a função simbólica, a linguagem etc.” (p. 21, 2011). Todos esses conceitos colaboram em diferentes níveis para o desenvolvimento da capacidade de uma criança se expressar graficamente.

Considerando a evolução do grafismo, é necessário observar o desenvolvimento da aquisição da linguagem escrita, sob a ótica de Emília Ferreiro. O processo de alfabetização envolve tanto a linguagem oral quanto a linguagem escrita.

É um processo que ocorre de maneira conjunta não havendo a possibilidade de exclusão, neste caso, lançaremos luz sobre o processo de aquisição apenas da linguagem escrita. Já explicitado no texto, cada passo deste processo é resultado da interação entre o sujeito cognoscente e o objeto de conhecimento, em um processo de elaboração da informação, o sujeito transforma essa informação e transforma a si mesmo.

Deste modo, o sujeito utiliza o que aprendeu anteriormente para desenvolver as habilidades seguintes, fator que se demonstra muito presente no paralelo desenho-escrita. A criança que possui maior possibilidade de desenhar, experimentar e passar pelos estágios de desenvolvimento de desenho, provavelmente terá uma maior facilidade na hora de escrever. Isso ocorre por alguns fatores, considerando o desenvolvimento cognitivo processual, a criança que desenha já possui certas habilidades que uma criança que não desenha não possui. Refletindo tanto nas capacidades referentes à motricidade (saber como utilizar a folha de papel, como segurar o lápis, entre outras) e ao desenvolvimento cognitivo, de atividade inteligente ao utilizar saberes anteriores (como desenhar formas circulares) para escrever (facilidade com a letra “o”, por exemplo).

Deste modo, é de suma importância que seja destacado o papel do professor da educação infantil. Neste sentido, é preciso entender qual é o papel do professor neste processo, de que maneiras suas decisões em sala de aula afetam a vida dos educandos, é preciso definir qual é a importância que se dá ao desenho e principalmente à alfabetização.

O professor da educação infantil que ignora a importância do desenho, “executa uma prática que ignora a realidade material concreta, ou seja, pensa uma prática por ela mesma, não a avalia em função da sua repercussão no social” (Martins, p. 39, 1995).

Considerando que a alfabetização inclui o sujeito na nossa sociedade que

valoriza o letramento, ela se torna um ato político. As formas de alfabetizar dizem respeito à essa decisão política, e, portanto, é preciso que haja uma formação inicial e continuada para os professores, de educação infantil e ensino fundamental anos iniciais para que este professor possa alinhar suas práticas ao seu discurso.

Ao entender que o processo de alfabetização de acordo com Ferreiro, não se inicia apenas quando a criança entra na escola e começa ter acesso ao alfabeto, e que se inicia muito antes deste contexto, e que necessita o desenvolvimento de outras habilidades, é preciso que os professores avaliem o desenho infantil como uma importante etapa deste processo, e que, portanto, ele necessita ser reconhecido e valorizado.

Referências bibliográficas

CROTTI, Evi e MAGNI, Alberto. Garatuja, Rabisco e Desenhos: A linguagem secreta das crianças. - 1. Ed. – São Paulo: Editora Isis Ltda, 2011.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção questões da nossa época; v. 6). 102 p. – 26. ed.

FERREIRO, Emília. Alfabetização em processo. Tradução de Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro. – 14. Ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Gabriela Ferracini. A evolução do grafismo a escrita na educação infantil – 2017. Orientadora: Maria Anita Viviani Martins. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Educação, 2017.

MÈREDIEU, Florence de. O desenho infantil. Tradução de Álvaro Lorencini, Sandra M. Nitrini. – 11. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

MARTINS, Maria Anita Viviani. Metodologia da Alfabetização I. Material de estudo para disciplina de alfabetização na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo, 1993.

MARTINS, Maria Anita Viviani. O professor como agente político. – Coleção “Educação” 13 – 4. Ed. – São Paulo: Editora Loyola, 1995.

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Tradução de Maria Alice Magalhães D’Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva – 24. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro. - 3. Ed. – Rio de Janeiro: Zakar Editores, 2010.